

UM PERIÓDICO PARA AS ESCOLAS ALEMÃS NO EXTERIOR E A TRADUÇÃO CULTURAL DE E(I)MIGRANTES NA AMÉRICA LATINA

ISABEL CRISTINA ARENDT*

A história da América Latina é marcada, dentre suas características, pela entrada de populações migrantes provenientes de outros continentes. No século XIX e primeira metade do século XX, estão neste rol de imigrantes as populações providas inicialmente dos estados alemães e, depois, do Império Alemão unificado.

No que se refere à relação de migrantes com seu estado de origem, no caso os alemães, esta foi diferentemente composta nestes mais de um século de migração para a América Latina. De um lado, uma maioria experimentou o que Stuart Hall designa de tradução cultural. É o caso dos imigrantes em diáspora, cujas perspectivas de retorno ao país de origem são remotas:

Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. [...] Eles são os produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidades distintamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2002:88-89)

Mesmo que o autor se refira à Europa Ocidental, a qual considera formada por nações modernas que são híbridos culturais: “A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As

* Dra. em História/UNISINOS. Atua no Acervo Documental e de Pesquisa, Memorial Jesuíta, Biblioteca, Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS, São Leopoldo-RS. E-mail: isabel_arendt@hotmail.com.

nações modernas são, todas, híbridos culturais." (HALL, 2002:62), entendemos que esta teoria se aplica igualmente aos países e às sociedades latino-americanas, ressalvadas suas especificidades. Dentre eles, uma parcela mais numerosa que se dirigiu em grandes massas migratórias para os países latino-americanos, mediante incentivo dos próprios países receptores por finalidades de ocupação territorial dentre outras razões.

De outro lado, porém, houve minorias que não se submeteram à tradução cultural ou foram incentivadas a não fazê-lo. Referimo-nos, aqui, aos imigrantes alemães na América do Sul. Em períodos específicos, porém, houve maior ou menor apoio e/ou interesse de seu país de origem. No caso da Alemanha – desde a criação do Império Alemão, em 1871, apesar da posição oficial ter se mantido contrária à emigração para a América Latina – ampliou-se o interesse de fomentar o direito nacional dos emigrantes por motivos comerciais, ideológicos e políticos. Conquistar espaço para a economia alemã na América Latina era fundamental, diante da crescente concorrência econômica inglesa. Nesse sentido, populações e(i)migrantes em países como o Brasil teriam sido passíveis de maior influência por parte do Império Alemão, como aponta o historiador alemão Stefan Rinke (1996:23), porque os e(i)migrantes viviam em núcleos coloniais mais fechados, facilitando, assim, a manutenção de sua identidade étnico-nacional alemã. Nova regulamentação da emigração, ocorrida em 1896/97, teria facilitado ainda mais a relação com os alemães fora de suas fronteiras nacionais, inclusive seus descendentes, incentivando-os a fomentarem sua língua e cultura de origem. A partir do conceito de nação étnica, baseada na língua e cultura comuns, deveria ser apresentado o interesse do Império pelos alemães no exterior, inclusive a seus descendentes, mediante uma política de manutenção do assim denominado *Deutschtum* [germanidade]. Participaram deste projeto, segundo Rinke (1996), além do estado alemão, associações de alemães no exterior, organizações imperiais em prol do *Deutschtum* e as igrejas. Um dos meios para atingir tal objetivo, ainda conforme aponta Rinke, teria sido o fomento às inúmeras escolas de língua alemã na América Latina. A estas escolas cabia especialmente a preservação da língua alemã.

A atuação de associações alemãs de fomento à germanidade no exterior, portanto, passou a fazer parte da política externa da Alemanha. Na disputa por mercado no exterior, em função da política pangermanista/imperialista, organizam-se, na

Alemanha unificada, especialmente a partir de 1880, entidades ou associações interessadas pelos alemães que viviam no exterior (MAGALHÃES, 1993 e MORAES, 2002). Dentre elas, citamos, valendo-nos do estudo de Magalhães: a *Alldeutscher Verband* [Liga Pangermânica], a *Deutsche Kolonial Gesellschaft* [Sociedade Colonial Alemã], *Evangelischer Hauptverein für Ansiedler und Auswanderer* [Sociedade Evangélica Central para Colonos e Emigrantes], a *Hanseatische Kolonisationsgesellschaft* [Sociedade Hanseática de Colonização].

No campo religioso, podemos citar a *Evangelische Gesellschaft* [Sociedade Evangélica de Barmen], o *Evangelischer Oberkirchenrat* [Conselho Diretor da Igreja Evangélica da Prússia] e o *Gustav-Adolf-Verein* [Obra Gustavo Adolfo], que apoiavam entidades culturais no exterior (também no Brasil), inclusive com aporte financeiro. No entanto, é importante observar que muitas dessas associações antecedem a criação do Império Alemão. Em maio de 1900, lei eclesiástica permitiu a filiação de comunidades evangélicas estrangeiras à *Preußische Landeskirche* [Igreja Territorial da Prússia], possibilitando um maior auxílio diretamente às escolas e igrejas. O auxílio dava-se em forma de doações para a construção de igrejas e escolas, pagamento de pastores itinerantes, envio de pastores ordenados e professores formados na Alemanha, subsídios aos salários dos pastores, manutenção de escolas ligadas ao Sínodo (*Evangelisches Stift*, Hamburgo Velho; Colégio Independência de São Leopoldo; Colégio Sinodal, em Santa Cruz do Sul) (PAIVA, 1984:55; SCHRÖDER, 1936:217ss.). A Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América foi uma das principais sociedades que apoiavam a população alemã evangélica no exterior. Entre 1863 e 1911, a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América – sociedade resultante da fusão, em 1881, de duas entidades: a *Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América do Norte*, criada em 1837, inicialmente com o nome *Sociedade Cristã para os Alemães Evangélicos na América do Norte* (até 1841), e do *Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil* (fundado em 1865) – enviou 47 professores/as evangélicos/as para atuarem na América do Sul (destes, 23 foram enviados ao RS; os 24 restantes, para outros Estados brasileiros – SC, PR, SP, RJ, ES, MG, para o Chile e a Venezuela).¹

¹ Cf. DREHER (2003:76-82) e DEDEKIND (1911:33-69).

O apoio à preservação da língua e cultura alemãs se dará muito mais mediante interesses políticos e comerciais, por meio da entidade alemã *Allgemeiner Schulverein zur Erhaltung des Deutschtums im Ausland* [Associação/Sociedade Escolar para a Preservação da Germanidade no Exterior], criada em 1881. Dentre seus objetivos, constava o apoio a escolas alemãs no além-mar (PAIVA, 1984:54), contribuindo para a manutenção da germanidade no exterior. O apoio concretizava-se por meio do envio de livros para formar bibliotecas, de dinheiro para as escolas, de professores formados na Alemanha, da divulgação e promoção de congressos. Em 1908, esta entidade passa a designar-se *Verein für das Deutschtum im Ausland* – VDA (Sociedade para a Germanidade no Exterior).² Na vigência do nacional-socialismo, seu nome será alterado para *Volksbund für das Deutschtum im Ausland* (Der Grosse Brockhaus, 1957:99).

Durante a República de Weimar (1918-1933), o fomento à germanidade no exterior seguirá, após curta interrupção de relações diplomáticas e comerciais em decorrência da Primeira Guerra Mundial, como uma política por interesses. Veja-se a respeito o estudo de Rinke³ (1996:21), que salienta a rápida retomada destas relações diplomáticas e comerciais, bem como o aumento da emigração para a América Latina e o desenvolvimento das relações na área da ciência e da cultura. O autor aponta para a crescente concorrência comercial dos Estados Unidos que despontam como força política e econômica de forma hegemônica na América já no início do século XX como motivação para a Alemanha continuar interessada na América Latina (RINKE, 1996:24ss.).

A política do governo nacional-socialista do Terceiro Reich também volta-se mais ainda ao povo alemão, mesmo aquele disperso pelo mundo – valendo-se inclusive destes para sua propaganda do nacional-socialismo, com a promessa de inserção e pertencimento destes à Grande Alemanha (RINKE, 1996:411).

² Fr. Teutsch apud Der Grosse Brockhaus, 1957. p.99. Seu trabalho resumia-se na organização de escolas alemãs, em regiões onde não podiam ser mantidas por recursos públicos: na Boêmia, na Morávia, na Silésia, na Caríntia, na Transilvânia. Id. p.99. Segundo Magalhães, em 1910, o VDA promove um congresso sobre política colonial, do qual participam 106 entidades alemãs. A Liga Pangermânica e a Sociedade de Ensino no Exterior financiam a construção de escolas, igrejas e publicam periódicos em que divulgam as teorias da "grande Alemanha" [*Grossdeutschland*], endogamia, superioridade racial e desenvolvimento econômico (MAGALHÃES, 1993:45). Ver também WEIDENFELLER, 1976.

³ Stefan Rinke realizou estudo aprofundado sobre a política alemã em relação à América Latina na República de Weimar (1918-1933).

A escola alemã no exterior será entendida como meio adequado para a “influência étnica” [*völkischer Einfluss*]. Estudos já realizados, especialmente por pesquisadores alemães, abordam a política cultural alemã com relação ao sistema escolar no exterior. Destacamos, além do já citado historiador Rinke (1996), Winter (2000), Becker (1990) e Schneider (1969). Conforme Winter (2000:6), criou-se em 1878 o Fundo Imperial para Escolas [*Reichsschulfonds*] mediante o qual era oferecido apoio à cultura alemã no exterior.

Na esteira ou na base da política alemã, estão as idéias e concepções étnico-nacionais alemãs, e outro meio eficaz de difusão destas foi, além da escola, o uso da imprensa, especialmente a edição de periódicos. Realizando uma delimitação que se restringe à imprensa editada para as escolas e professores, destacamos a publicação da revista intitulada *Die Deutsche Schule im Auslande* [A escola alemã no exterior], editada entre outubro de 1901 e final de 1938, com o subtítulo *Monatsschrift für Deutsche Erziehung und Familie* [Revista mensal para educação e famílias alemãs]. Até 1914, circulou como suplemento de *Das Deutschtum im Auslande*, editado em Berlin e Leipzig desde 1882 pela Associação para a germanidade no exterior [*Verein für das Deutschtum im Ausland*], depois Associação de Escolas Alemãs [*Allgemeiner Deutscher Schul-Verein*].

No que se refere ao Brasil, desde meados do século XIX, o conceito “germanidade” passou a ter centralidade, vindo acompanhado de elementos demarcadores, expressos em representações e imagens construídas e enfatizadas na imprensa em língua alemã editada no país (GRÜTZMANN, 2003a). Os sujeitos e autores destas representações são alimentados pelas revoluções de 1848, pela entrada dos *Brummer* (1850) e pela fundação do Reino Alemão (1871). Manifestações de fomento à germanidade, porém, são mais intensas durante a I Guerra Mundial e durante as comemorações do primeiro centenário da imigração alemã. Nesse período, surgem com força expressões que manifestam sentimento étnico. É, por isso, que no período entre-guerras vamos encontrar as mais extremadas manifestações de exaltação da etnia, que culminarão nos anos posteriores à ascensão do nacional-socialismo ao poder na Alemanha em 1933.

Vale destacar que estudos sobre o germanismo e a germanidade no Brasil já são de número considerável, dentre os quais destacamos autores como Giralda Seyferth e

René Gertz⁴. O germanismo e seus principais pressupostos e imagens, divulgados em jornais, almanaques, brochuras comemorativas e cancionários são objeto de estudo de Ingart Grützmann na tese de doutoramento *A mágica flor azul: a canção em língua alemã e o germanismo no Rio Grande do Sul* (1999). Neste trabalho, a autora analisa o discurso germanista a partir dessas publicações, editadas no Rio Grande do Sul, no período de 1880 a 1941, e evidencia as principais categorias desse ideário, dentre eles, povo [*Volk*], germanidade [*Deutschtum/Volkstum*], língua, literatura, virtudes, religião, comunidade, identidade alemã-brasileira e, especificamente, a utilização da canção em língua alemã como instrumento de cultivo e construção da germanidade.

Acentua-se a partir de 1871, no recém criado Império Alemão, conforme sintetização de Grützmann (2006), uma ideologia étnica alemã centrada “na valorização e idealização do povo e de suas especificidades, denominadas de germanidade e/ou caráter nacional, bem como na idéia da nação constituída a partir da cultura e de uma origem comum, geralmente denominada de uma ‘comunidade de descendência étnica’.” As raízes do germanismo estão calcadas em concepções gestadas no pensamento romântico-nacionalista alemão⁵, em torno da definição e construção do nacionalismo alemão, inicialmente definida por Herder (1744-1803). Alguns dos representantes mais significativos do pensamento étnico-nacional alemão e em cujas idéias e fontes se baseiam os germanistas são Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Johann Gottlieb Fichte (1762-1813), Ernst Moritz Arndt (1769-1860) e Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852). No final do século XIX, são acrescentados ao pensamento romântico-nacionalista alemão pressupostos das teorias raciais, radicalizadas pelo nacional-socialismo nas décadas de 1930 e 1940 (GRÜTZMANN, 2001:68-74).

Outros estudos têm demonstrado a imprensa de língua alemã na América Latina como um dos meios de acesso das idéias e concepções germanistas, objeto de estudo de pesquisadores brasileiros na área de história, antropologia, educação e teoria literária. Nesse sentido, destacamos: Gans (2004) estuda a imprensa em língua alemã de Porto Alegre até 1890 e como os “alemães” urbanos gestam as representações de identidade; Meyer (2000) analisa cultura e docência “teuto-brasileira-evangélica” a partir de almanaque evangélicos e do jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo; e mais

⁴ Cf. suas obras sobre “O fascismo no sul do Brasil” (1987) e “O perigo alemão” (1991).

⁵ Cf. a respeito a obra de MOSSE(1979).

recentemente, Grützmann (2002, 2003b, 2004a, 2004b) estuda almanaques e a construção de identidades.

No que se refere especificamente à veiculação das concepções do ideário germanista em edições periódicas, cujo alvo são as escolas alemãs no Brasil, há os estudos de Kreutz (1994), Rambo (1996), Nobre (2003) e Arendt (2008). Verificamos, neste estudo específico (ARENDR, 2008), que muitos dos articulistas e redatores do *Jornal Geral para o Professor*, editado por e para os professores das escolas “alemãs e evangélico-luteranas” – o jornal *Allgemeine Lehrerzeitung für Rio Grande do Sul - ALZ*, eram alemães, estavam sediados e atuando em escolas localizadas em centros urbanos, na sua maioria, o que certamente influenciou suas práticas, bem como suas concepções sobre educação e germanidade veiculadas naquele jornal. Se as escolas “alemãs” foram consideradas como possibilidade de fomento da germanidade no exterior, além de uma política dirigida para isso, a publicação de jornais e revistas específicas eram um meio eficaz de difusão do ideário germanista. Gans (2004) salienta que o discurso germanista tem efeito e se prolifera melhor na primeira metade do séc. XX, em função da "atualização" e relação da comunidade teuta no que se relaciona à identidade e diferenciação do grupo em relação a outros grupos étnicos, especialmente a que vivia em Porto Alegre. Esta população tinha, segundo Gans, contato com publicações européias e viajava (ao menos os mais abastados), além de manter contatos comerciais.

A partir dos estudos já realizados, além das análises das fontes em que verificamos as representações de educação e de germanidade por elas veiculadas e reforçadas (ARENDR, 2008), apresentam-se outras perguntas: como circulam as idéias relativas à germanidade? Como esta questão é abordada no que se refere à América Latina, especialmente pela escola e imprensa a ela direcionada? Entendemos que uma análise do periódico *Die Deutsche Schule im Auslande* poderá ser um caminho para auxiliar na formulação de respostas a estas questões, bem como a outras mais específicas no que se refere a suas concepções de germanidade e escola.

Com base em um referencial e perspectiva apoiados na nova história cultural (CHARTIER, 1990 e 2002), consideramos especialmente o conceito de representação desenvolvido por Roger Chartier, o qual pode ser entendido como percepções do social, idéias que indicam o que os seus autores pensam que a sociedade é, ou como gostariam

que fosse (Idem, p. 19). Segundo o autor, as representações do mundo social são construídas e “sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam” (Idem, p. 17). E reforça:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990:17).

As publicações como a *Deutsche Schule im Auslande* - DSA são uma das estratégias utilizadas pelo Império Alemão, continuada pela República de Weimar e acentuada pelo Terceiro Reich – nacional-socialista – para atingir os milhares de alemães que se encontravam no exterior. No que se refere às condições de produção da DSA, esta foi editada a partir de 1901, e, em editorial de janeiro de 1934⁶, comemora 25 anos de edição, apesar da interrupção de sete anos (1915-1921) em função da Primeira Guerra Mundial. Gaster (1934, p. 1) lembra que o primeiro ano de edição corresponde ao período do outubro de 1901 a dezembro de 1902.

Um dos objetivos dos responsáveis pela edição foi a circulação de informações sobre as diferentes escolas alemãs espalhadas pelo mundo. Gaster (id., p. 1) salienta que, antes da revista ser editada, uma escola e/ou professor praticamente não sabia dos outros. E o redator ainda reforça que no ano de 1899 apenas a escola alemã de Constantinopla era reconhecida como *Realschule* pelo Império Alemão. Aqui se faz necessária uma explicação sobre o conceito de “escola alemã” no exterior. Há diferença entre as escolas privadas e/ou comunitárias que se autodenominavam “escola alemã-brasileira”, “teuto-brasileira” ou ainda as escolas “étnicas”, conforme as designa Lúcio Kreutz (2000), e as escolas reconhecidas como “escolas alemãs” no exterior, seja pelo Império Alemão, pela República de Weimar ou pelo Terceiro Reich.

O próprio Gaster, porém, lembra que houve tentativa anterior a outubro de 1901 – considerada data de fundação da revista – de fazer circular notícias sobre escolas alemãs no exterior, qual seja a do diretor da Escola Alemã da Antuérpia, na Bélgica, entre 1880 e 1902, Dr. Johannes Müller. Este professor teria reunido notícias sobre as diferentes escolas alemãs no exterior e as publicado, inicialmente, como suplemento do

⁶ GASTER, B. 25 Jahre “Deutsche Schule im Ausland”. **Die Deutsche Schule im Auslande**, XXVI. Jahrg., Nr. 1, Januar 1934. p. 1-4.

relatório anual da referida escola em 1890 e, depois, as teria editado como livro em 1900 (GASTER, id., p. 1-2).

Por iniciativa de outro professor da Escola da Antuérpia, Hans Amrhein, quem iniciou suas atividades nesta escola no ano de 1900, foi editado o primeiro número da revista que ora analisamos. Este professor teria arcado com os custos da primeira edição, conforme nos afirma Gaster (id., p. 2). Mais tarde, os custos da edição teriam sido assumidos por um comerciante, diretor da *Leipziger Wollkämmerei* em Hoboken – Antuérpia, o qual teria se beneficiado com a escola alemã na região (ibid, p.2). O próprio autor do artigo/editorial comemorativo aos 25 anos de edição da revista, professor Dr. Gaster, assumiu a direção daquela escola em 1902. Como o colega Amrhein assumira, ainda em 1902 a direção de outra escola alemã na Romênia, Gaster responsabilizou-se pela redação e edição da revista DSA por dois anos. Um terceiro responsável, ainda conforme Gaster (id., p. 2), teria sido um jovem editor chamado Heinrich Wessel, que havia assumido a direção de uma editora alguns anos antes – Verlag Heckner de Wolfenbüttel. Em 1903, ele assumiu a edição, assim como os custos e o risco comercial da mesma, conforme afirmação do próprio Gaster (id., p. 2).

No primeiro editorial, Amrhein enfatiza que a revista “[...] é a mão do professor alemão no exterior, com a qual jura fidelidade à pátria; a mão, que ele estende aos irmãos para a união; a mão qua há muito estende à pátria alemã, implorando por auxílio: venham e nos ajudem!” (GASTER, 1934, p. 2). Ainda Gaster cita e reforça um trecho de editorial que ele havia escrito em 1903, no qual afirma que a revista DSA “deve ser guardiã e fomentadora da disciplina e dos costumes alemães, assim como do caráter [modo de ser] e da língua alemã; ela deve reforçar e fomentar a consciência dos alemães no exterior sobre sua origem” (GASTER, id., p.3). E ele continua enfatizando a vinculação étnico-nacional alemã dos professores alemães no estrangeiro e que a revista deveria ser eco das escolas alemãs no exterior, as quais “precisam lutar bravamente pela manutenção do *Deutschum*.” (ibid.).

No que se refere ao número de assinantes, ainda segundo Gaster, a revista teria alcançado 130, em 1905, somente na colônia alemã da Antuérpia. Ele lamenta a Guerra, a qual interrompeu este crescimento. Em 1920, ele recebeu novamente convite de antigos colegas da redação da revista – Walter Weber e Fritz Luckau, então residentes em Berlim - para refundar a Federação dos Professores Alemães no Exterior [*Verband*

Deutscher Auslandlehrer] e, com ela, reassumir a edição da revista. Gaster (id., p.3) alega ter aceito o desafio, por ter sido transferido em 1921 para assumir a direção do *Staatlicher Französischer Gymnasium* [Ginásio Oficial Francês] em Berlim, pois encontrava-se naquele período no interior da Pomerânia. E em 1922, a revista voltou a ser editada, apesar da alta inflação, o que de certa forma a favoreceu, pois muitos de seus assinantes pagavam em moeda estrangeira mais valorizada, conforme Gaster. Em 1928, a Federação dos Professores Alemães no Exterior teria passado a receber, segundo ele, apoio do poder público, especialmente através de um professor vinculado ao Conselho Federal, cujo nome era Rudolf Block e provinha de Darmstadt. E a redação da revista teria sido assumida novamente por um professor que atuava no exterior, o Prof. Dr. Hettich, diretor da Escola Alemã de Milão. Co-editor da revista teria sido o diretor da Escola Alemã de Roma, Prof. Georg Reisinger. Ambos teriam sido responsáveis pelo período áureo da revista, segundo Gaster, em seus 25 anos de existência. Ele afirma que o número de assinantes chegou a 1000, o que deveria ser ampliado, para fazer jus às despesas referentes à edição. Havia, ainda conforme Gaster (p. 4), dificuldades de assinantes estrangeiros em função do câmbio, especialmente para os sul-americanos.

No presente texto, apresentamos, portanto, aspectos das condições de produção da revista DSA, bem como seus objetivos. Trabalhar pelas escolas alemãs no exterior e seus professores é enfatizado por Gaster como o principal objetivo da mesma. Salientamos, que se trata de um estudo inicial, e as seguintes questões levam-nos a seguir a análise da revista: como os redatores e articulistas da revista DSA se dirigem aos “alemães em diáspora”, quais conceituações e atribuições são respectivamente apresentadas e conferidas pelo periódico sobre escola alemã no exterior? Qual a relação e/ou acesso das Associações de Escolas e/ou Professores Alemães organizadas nos países da América Latina a este periódico? Verificar o possível alinhamento com a política do Império Alemão no que se refere à germanidade no exterior, bem como que elementos de diferenciação étnica são adotados e se há aceitação ou não da tradução cultural para os alemães no exterior são ainda objetivos a serem alcançados mediante a análise deste periódico. Além disso, é necessário verificar o seu público leitor.

A análise da revista DSA visa contribuir para a escrita da história da imigração alemã na América Latina. Motivam-nos a sua realização pesquisa anterior, na qual

analisamos as representações de germanidade, de educação e professor construídas pelos redatores e articulistas do Jornal para o professor, editado pela Associação de Professores, além dos estudos de Imgart Grützmann, em suas análises do ideário germanista em almanaques editados na América Latina, bem como de Dagmar E. Meyer, que também verifica a escola como espaço de circulação destas idéias e de fomento à germanidade no exterior.

Referências

ARENDDT, Isabel C. **Educação, religião e identidade étnica: o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica alemã no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo/RS: Unisinos; Oikos, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990. (Coleção Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. In: CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes.** Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2002.

DIE DEUTSCHE SCHULE im Auslande, Monatschrift für Deutsche Erziehung und Familie [A escola alemã no exterior, revista mensal para educação e famílias alemãs], Berlim e Leipzig, 1901-1938 [até 1919, circulou como suplemento de *Das Deutschtum im Auslande*].

DREHER, Martin N. Igreja e Germanidade. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST-Escola Superior de Teologia, 2003.

DEDEKIND. Verzeichnis der Pfarrer, Lehrer und Lehrerinnen, welche von der Barmer Evang. Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika in den Jahren 1863 bis Januar 1911 entsandt worden sind und mit ihr in Verbindung gestanden haben. In: **Der Deutsche Ansiedler**, Jg.49, 1911, p.33-69.

DER GROSSE BROCKHAUS. 7. Band; Wiesbaden: F. A. Brockhaus, 1955.

GANS, Magda Roswita. **Presença teuta em Porto Alegre no século XIX; 1850-1889.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS/ANPUH/RS, 2004.

GASTER, B. 25 Jahre "Deutsche Schule im Ausland". **Die Deutsche Schule im Auslande**, XXVI. Jahrg., Nr. 1, Januar 1934. p. 1-4.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, René. **O perigo alemão.** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

GRÜTZMANN, Imgart. **"Do que tu herdaste dos teus antepassados, debes apropriar-te, a fim de desfrutá-lo: o germanismo e suas especificidades.** Relatório de pesquisa apresentado à FAPERGS. Porto Alegre, maio de 2001.

GRÜTZMANN, Imgart. Lições e representações de almanaque em torno de uma identidade teuto-brasileira. In: Seminário internacional de história da literatura, 2001, Porto Alegre. Anais do IV Seminário Internacional de História da Literatura, 2002. p. 1-8. CD-Rom;

GRÜTZMANN, Imgart. O carvalho entre palmeiras: representações e estratégias identitárias no germanismo. **Revista História**, São Leopoldo, v.7, n.8, p.115-169, 2003a.

GRÜTZMANN, Imgart. Em todo amor ao Brasil, manter a fidelidade ao modo de ser alemão: as canções em língua alemã e a construção de identidades. In: **Anais do Simpósio Nacional da ANPUH**, João Pessoa, julho 2003b.

GRÜTZMANN, Imgart. O almanaque (Kalender) na imigração alemã na Argentina, no Brasil e no Chile. **Imigração & Imprensa**. Porto Alegre, 2004a, p.48-90.

GRÜTZMANN, Imgart. Leituras sob o céu do Cruzeiro do Sul: os almanaques em língua alemã no Rio Grande do Sul (1855-1941). In: SIDEKUM, Antônio. **Às sombras do carvalho**. São Leopoldo, 2004b, p. 177-254.

GRÜTZMANN, Imgart. Almanques em língua alemã em Santa Catarina (1864-1938): tipos, editores, objetivos. **Revista de História (UFES)**, Vitória, v. 18, p. 71-103, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: D&A, 2002.

KREUTZ, Lúcio. **Material didático e currículo na escola teuto-brasileira do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. (Estudos Teuto-Brasileiros, 2)

KREUTZ, Lúcio. Imigração alemã e processo escolar na Argentina, no Brasil e no Chile, de 1824 a 1939. **Estudos Leopoldenses - Série Educação**, São Leopoldo, v. 4, n. 6, p. 23-37, 2000.

Lehrerverbände, Lehrervereine. DER GROSSE BROCKHAUS. 7. Band; Wiesbaden: F. A. Brockhaus, 1955.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. **Alemanha mãe-pátria distante**. Campinas: UNICAMP, 1993. (Tese de Doutorado).

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades traduzidas; cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul**. UFRGS: 1999. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação, UFRGS, 1999.

MORAES, Luís E. de Souza. **Konflikt und Anerkennung; die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und Rio de Janeiro**. Berlin, 2002. Inaugural-Dissertation (Doktor der Philosophie) – Zentrum für Antisemitismusforschung, Fachbereich Geschichte, Technische Universität zu Berlin, [2002]. 271f.

MOSSE, Georg. **Ein Volk, ein Reich, ein Führer; die völkischen Ursprünge des Nationalsozialismus**. Königstein/Ts.: Athenäum, 1979.

NOBRE, S. **Associação dos professores teuto-brasileiros do estado de São Paulo**. UNICAMP: 2003. Dissertação (Mestrado), UNICAMP, 2003.

PAIVA, César. **Die deutschsprachigen Schulen in Rio Grande do Sul und die Nationalisierungspolitik**. 1984. Dissertation (Doktors der Philosophie) – Universität Hamburg, [1984].

RAMBO, Arthur Blasio. **A escola comunitária teuto-brasileira católica:** a Associação de Professores e a Escola Normal. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996. (Série de Estudos Teuto-Brasileiros, n.3)

RINKE, Stefan. „**Der letzte freie Kontinent**“. Deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen, 1918-1933. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz, 1996. (Historamericana 1).

SCHRÖDER, Ferdinand. **Brasilien und Wittenberg; Ursprung und Gestaltung deutschen evangelischen Kirchentums in Brasilien.** Berlin, Leipzig: Verlag Walter de Gruyter, 1936.

WEIDENFELLER, Gerhard. **VDA, Verein für das Deutschtum im Ausland.** Allgemeiner Deutscher Schulverein (1881-1918); Ein Beitrag zur Geschichte des deutschen Nationalismus und Imperialismus im Kaiserreich. Frankfurt/M.: Herbert Lang Bern, 1976.

WINTER, Klaus. Deutsche Schulen im Ausland; auf dem Weg zu einem neuen Selbstverständnis. Disponível em oops.uni-oldenburg.de/volltexte/2000/637/pdf/winter.pdf.

p. 101-117. Acesso em 09/12/2010.